



Uma análise do Poder Naval soviético nos anos 1960 à luz dos textos de Geoffrey Till e Cláudio Senna¹

An analysis of Soviet Naval Power in the 1960s in the light of texts by Geoffrey Till and Cláudio Senna

Un análisis del Poder Naval soviético en la década de 1960 a la luz de los textos de Geoffrey Till y Cláudio Senna

Vítor Corrêa da Silva

Mestre em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval (EGN). E-mail: vitor.correa@marinha.mil.br.

Emílio Reis Coelho

Doutor em Estudos Estratégicos pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é Professor do Setor de Ciência Política da Escola de Guerra Naval (EGN). E-mail: emilio@marinha.mil.br.

RESUMO

Com pouca expressão de poder nos oceanos, a Marinha da ex-URSS (MURSS) fracassou nas Manobras de Crise em Cuba (1962) e no Congo (1960 – 1965), porém, passou por mudanças que a transformaram em uma marinha poderosa no final da década de 1960. Este artigo busca esclarecer as razões para os fracassos daquelas manobras de crise e como aquela Força foi transformada em uma marinha de águas oceânicas. Para tal, confrontamos as teorias de Geoffrey Till e de Cláudio Senna com a construção do Poder Naval soviético naquele

período. Confirmamos que, ao final daquela década, a MURSS estava apta para respaldar os interesses políticos da ex-URSS, utilizando as Manobras de Crise. Isso foi possível, especialmente, porque aquele Estado preparou a MURSS para cumprir as Missões Estratégicas, conforme descritas posteriormente por Geoffrey Till.

Palavras-chave: Marinha da URSS; Manobra de Crise; Cláudio Senna; Geoffrey Till.

*Artigo recebido em 30 de outubro de 2024 e aprovado para publicação em 28 de janeiro de 2025.

Navigator: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 137-160, 2026.

ABSTRACT

With little expression of power in the oceans, the Navy of the Former USSR (MURSS) failed in the Crisis Maneuvers in Cuba (1962) and Congo (1960 – 1965); however, it underwent changes that transformed it into a powerful navy in the end of the 1960s. This article seeks to clarify the reasons for the failures of those crisis maneuvers and how that Force was transformed into an oceanic navy. To do so, we compared the theories of Geoffrey Till and Cláudio Senna with the construction of Soviet Naval Power in that period. We confirm that, at the end of that decade, the MURSS was able to support the political interests of the Former USSR using Crisis Maneuvers. This was especially possible because the State prepared the MURSS to fulfil the Strategic Missions, as described later by Geoffrey Till.

Keywords: USSR Navy; Crisis Maneuver; Cláudio Senna; Geoffrey Till.

RESUMEN

Con escasa capacidad de expresión de poder en los océanos, la Marina de la antigua URSS (MURSS) fracasó en las Maniobras de Crisis de Cuba (1962) y del Congo (1960 – 1965), contudo, experimentó transformaciones que la convirtieron en una poderosa marina de aguas oceánicas a finales de la década de 1960. Este artículo busca esclarecer las razones de los fracasos de aquellas maniobras de crisis y explicar cómo dicha fuerza fue transformada en una marina de aguas oceánicas. Para eso, confrontamos las teorías de Geoffrey Till y de Cláudio Senna con la construcción del Poder Naval soviético durante ese período. Confirmamos que, al final de aquella década, la MURSS estaba en condiciones de respaldar los intereses políticos de la antigua URSS mediante el empleo de las Maniobras de Crisis. Esto fue posible, especialmente, porque aquel Estado preparó a la MURSS para cumplir las Misiones Estratégicas, tal como fueron descritas posteriormente por Geoffrey Till.

Palabras clave: Marina de la URSS; Maniobra de Crisis; Cláudio Senna; Geoffrey Till.

INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), os Estados Unidos da América (EUA) e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) saíram como os grandes vencedores do conflito, passando a ditar a nova ordem mundial e dividindo o mundo em Estados capitalistas e socialistas. Assim, os dois antigos aliados na guerra passaram a se enxergar como inimigos, iniciando a chamada Guerra Fria (1947 – 1989), um conflito político e ideológico no qual cada superpotência tentava vencer a outra em disputas econômicas, militares e de influência sobre outros Estados, em particular os que conquistaram suas independências tardiamente e os que passavam por conflitos internos. Essa disputa levou todo o planeta a viver uma tensão política constante e a temer uma guerra nuclear.

É importante ressaltar que, neste trabalho, apesar de não mais existirem, doravante trataremos as instituições, os cargos e outros nomes relacionados à ex-URSS (1922 – 1991) como eram escritos no passado, visando dar maior fluidez ao texto. Dentro do contexto de disputas entre os blocos capitalista e socialista, foram criados dois grandes acordos militares: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1949, liderada pelos EUA, e o Pacto de Varsóvia (1955 – 1991), liderado pela ex-URSS. Com isso, os Estados desses blocos antagônicos se estudavam para se enfrentarem em uma possível guerra — onde os dois Estados líderes possuíam as forças principais de combate. Era evidente que, com essa tensão mundial, crises político-estratégicas poderiam surgir em qualquer parte do pla-

neta e a necessidade de conduzi-las pelos poderes navais das duas superpotências aconteceria, cedo ou tarde (OTAN, 2017).

Conforme esperado, durante a Guerra Fria, aconteceu um episódio que quase levou o mundo a um conflito nuclear: a Crise dos Mísseis de Cuba (1962). Esse evento é um clássico exemplo de Manobra de Crise, pois possui características que atraem estudiosos da área, afinal, as duas superpotências quase se enfrentaram diretamente. Soma-se a isso, ainda no início da década de 1960, a ex-URSS também não conseguiu apoiar militarmente o governo do recém-independente Congo, seu aliado, mesmo sendo evidente o apoio ostensivo dos norte-americanos aos rebeldes do conflito.

Para os Estados do Ocidente, era claro que faltavam grandes meios de superfície à Marinha da ex-URSS (MURSS) para se aventurar além de suas águas costeiras.² Logo, essa situação limitava as ambições políticas do Estado soviético, além de envergonhar seus líderes, que queriam rivalizar e vencer os EUA em todas as áreas de disputa. Por outro lado, no final da década de 1960, uma mudança de postura acontecia e a MURSS estava sendo equipada com meios navais que poderiam, até mesmo, superar os equivalentes da OTAN. A partir dessa constatação, identificamos acontecimentos dignos de serem pesquisados, nessa década, porque estes haviam contribuído para a construção e transformação de um novo e moderno Poder Naval soviético (POLMAR, 1991; POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019; RANFT; TILL, 1983).

Ademais, com a finalidade de entender as razões para a transformação daquela Força, elaboramos os seguintes questionamentos: a ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno que fosse capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas, no final da década de 1960? Além

disso, a construção desse Poder Naval teve aderência ao modelo teórico de Geoffrey Till, no que tange às Missões Estratégicas que uma marinha moderna deve cumprir? Por último, a construção do Poder Naval soviético, na década de 1960, teve aderência ao modelo teórico de Cláudio Senna, no que tange à Gestão de Crises?

Visando responder a esses questionamentos, nosso estudo terá como propósito confrontar as teorias de Geoffrey Till e de Cláudio Senna com a construção do Poder Naval soviético na década de 1960. Desse modo, utilizamos conceitos do EMA-305 (Doutrina Militar Naval, DMN) e do livro *Gerenciamento de crises: utilizando mapas críticos para organizar o que é complexo e caótico* (2017), do autor Cláudio Senna, visando complementar e aprofundar os conhecimentos de Crise e de Manobra de Crise.

Em seguida, recorreremos a dois textos de Geoffrey Till. A obra *Maritime strategy and the nuclear age* (1984) forneceu-nos a maior parte dos conhecimentos necessários para o estudo, desenvolvendo as Missões Estratégicas que uma marinha moderna deve cumprir para respaldar os interesses político-estratégicos de um Estado. Nesse caso, consideramos esse respaldo por meio da Manobra de Crise — sendo a “Crise” um estágio anterior a um conflito armado. Já a obra *Seapower: a guide for the twenty-first century* (2009), do mesmo autor, facilitou a compreensão acerca dos conceitos de Poder Marítimo, Poder Naval, além do “Ciclo Virtuoso do Mar”, permitindo-nos verificar se a ex-URSS seguiu esse ciclo e se podia ser considerada uma verdadeira potência marítima e naval. Ao final, com as conexões que realizamos entre as teorias dos dois autores, visualizamos a necessidade de um Poder Naval estar preparado para conduzir uma Manobra de Crise — sabendo que

as mesmas não podem ser previstas.

Nesse passo, nosso trabalho está organizado em quatro itens, incluindo esta introdução e a conclusão. No segundo item, abordaremos os motivos que levaram a ex-URSS a mudar sua estratégia marítima, na década de 1960, e construir um novo Poder Naval. Detalharemos também alguns programas do reaparelhamento da MURSS. Além disso, explicaremos as fontes dos recursos que permitiram a construção desse novo Poder Naval soviético.

No terceiro item, identificaremos as semelhanças e diferenças verificadas na comparação entre os modelos teóricos com a realidade apresentada, visando responder aos questionamentos propostos nesta pesquisa. Por último, apresentaremos as principais conclusões.

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960

Neste item, pesquisaremos a Estratégia da MURSS, sob a gestão do almirante Gorshkov (1910-1988) e sua tentativa de transformá-la em uma marinha moderna com capacidades oceânicas, na década de 1960. Teremos como foco a forma que ele buscou construir um Poder Naval para atuar nas Manobras de Crise e em conflitos armados. Além disso, apresentaremos brevemente as características da MURSS e como ela atuou na gestão de dois eventos históricos, a Crise dos Mísseis de Cuba e a luta pelo controle do Congo, verificando como esses eventos influenciaram a adoção de novas estratégias e de programas de reaparelhamento para a MURSS.

DA GESTÃO DO ALMIRANTE GORSHKOV AO REAPARELHAMENTO DA MURSS

Após assumir o poder na ex-URSS, em

1953, o primeiro-ministro Nikita Krushev queria apagar a imagem do ex-ditador Josef Stálin no país. Para isso, indicou, em 1956, o almirante Sergey Georgyevich Gorshkov como comandante em chefe da MURSS, com autoridade para promover as mudanças necessárias. De início, caberia a Gorshkov não mais produzir grandes navios de guerra, além de reduzir o tamanho da Força³ (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019). A visão que Krushev possuía sobre a estratégia naval era de que, com a Era Nuclear, a MURSS deveria abandonar os grandes navios de superfície e se preocupar somente com submarinos e pequenas embarcações para suas águas costeiras. Ele acreditava que, com essas embarcações, aviões e mísseis baseados em terra, seria possível manter a ex-URSS segura — na sua visão, as próximas guerras seriam nucleares. Além disso, essa redução de meios possibilitaria transferir recursos financeiros e humanos para a economia, a fim de sobrepujar os EUA (RANFT; TILL, 1983).

Nesse contexto de redução da Marinha, em 1956, a ex-URSS entregou as bases navais, conquistadas em tempos de guerra, de Port Arthur, na Manchúria, e de Porkalla, na Finlândia, demonstrando mais uma indicação das drásticas reduções das operações navais pretendidas. Gorshkov, porém, não era partidário desse enfraquecimento estratégico em curso. Ele era um entusiasta dos mísseis e, junto de alguns apoiadores, começou uma cautelosa campanha de publicidade e conversas formais, no intuito de mudar a ideia de Krushev sobre a utilização de grandes navios. Essa campanha logrou resultados, pois, já na década de 1960, Gorshkov conseguiu iniciar uma expansão nos programas para equipar a Marinha com grandes unidades capazes de operar no alto-mar (RANFT; TILL, 1983).

No início da década de 1960, duas grandes crises testaram a capacidade expedicionária da ex-URSS: a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, e a luta pelo controle do Congo, de 1960 a 1965. Em ambas as crises, as duas superpotências, os EUA e a ex-URSS, tentaram influenciar os acontecimentos de maneira política e militar. Esses conflitos não serão detalhados, conforme informamos na introdução. Assim, abordaremos somente como a ex-URSS tentou utilizar as capacidades de sua Marinha nesses eventos.

Em 1962, devido à instalação de mísseis e ao posicionamento, em Cuba, de aeronaves com aptidão de realizarem ataques nucleares pela ex-URSS, uma crise se instaurou entre as duas superpotências. Dessa forma, os EUA decidiram fazer um bloqueio naval à ilha cubana, por meio de sua Marinha, visando impedir a chegada de mais armas soviéticas, além de exigir que as já instaladas fossem retiradas. A partir de então, caberia à ex-URSS verificar suas reais capacidades navais e decidir se escoltaria seus navios mercantes, garantindo a abertura dessas Linhas de Comunicação Marítimas (LCM). Para isso, deveriam romper o bloqueio pela força, em um ato que seria retaliado pelos EUA e que, em outras palavras, poderia levar o mundo a vivenciar uma guerra nuclear (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Para entendermos melhor o contexto da crise, é importante explicar que, em 1961, John F. Kennedy tornou-se presidente dos EUA e logo buscou garantir sua superioridade militar. Essa massiva construção de armamentos visava superar os soviéticos que, na visão de Kennedy, estavam à frente dos norte-americanos, principalmente na área dos mísseis balísticos. Assim, para eliminar esse *gap*, ele determinou a criação de forças estratégicas, incluindo mais meios navais, forças

especiais e mísseis balísticos.

Quase que simultaneamente, a ex-URSS tinha interrompido a construção de diversos meios navais, incluindo novos Submarinos Nucleares Lançadores de Mísseis Balísticos (SNLMB) que substituiriam os da classe "Hotel",⁴ pois estes não eram confiáveis devido a problemas nos motores e reatores. Essa interrupção dos programas navais, apesar da pressão contrária exercida por Gorshkov, visava deslocar recursos para a Força Estratégica de Mísseis, indo ao encontro do que pensava Krushev, que as guerras seriam nucleares e não se enviariam mais forças militares para apoiar as guerras nacionais do Terceiro Mundo. Contudo, o pensamento de Krushev começou a mudar nesse período com as crises que se seguiram (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Dessa forma, no auge da Crise dos Mísseis, quando a ex-URSS necessitava de meios navais modernos e poderosos para escoltar os seus mercantes e enviar as ogivas nucleares para Cuba, foi surpreendida pela falta de meios de superfície e pela indisponibilidade de seus submarinos nucleares.⁵ Mesmo assim, foi tomada a decisão de enviar alguns submarinos diesel-elétricos junto aos mercantes, embora fosse notória a superioridade da Marinha norte-americana.

Quando seus navios estavam próximos à Cuba, a ex-URSS decidiu retroceder com os meios e negociar com os norte-americanos, incluindo a retirada dos mísseis que já estavam naquela ilha. Todavia, como consequência, a ex-URSS tirou três grandes conclusões dessa primeira crise: os EUA pretendiam enfrentá-los com armas convencionais; as forças estratégicas norte-americanas superavam as soviéticas; e a URSS não era capaz de se lançar nos oceanos, principalmente longe de suas bases (POLMAR; BROOKS; FE-

DOROFF, 2019).

A outra crise que impactou a estratégia da MURSS foi o conflito pelo controle do Congo, de 1960 a 1965. Essa questão rapidamente se tornou um palco da disputa geopolítica entre EUA e URSS no início da década de 1960. Os norte-americanos buscavam impedir a expansão do comunismo na África Central, protegendo interesses estratégicos e econômicos, enquanto os soviéticos viam na independência congoleza uma oportunidade de expandir sua influência anticolonial (GIBBS, 1991; NAMIKAS, 2013). Patrice Lumumba, primeiro-ministro aliado da ex-URSS, solicitou apoio soviético para enfrentar secessões internas, o que alarmou Washington. Em resposta, os EUA intensificaram o apoio a grupos rivais e patrocinaram o golpe liderado por Joseph Mobutu, em setembro de 1960, afastando Lumumba do poder e neutralizando a presença soviética (EUA, 1992). A eliminação de Lumumba, em janeiro de 1961, consolidou a vitória do bloco ocidental no Congo e revelou as dificuldades da ex-URSS em sustentar aliados estratégicos em regiões distantes sem o respaldo de meios logísticos adequados, especialmente no domínio naval (GIBBS, 1991; NAMIKAS, 2013).

A atuação da Organização das Nações Unidas (ONU) no conflito, inicialmente neutra, acabou favorecendo interesses ocidentais. Embora tenha enviado a Missão das Nações Unidas no Congo (ONU) para conter a intervenção belga, a organização recusou apoiar diretamente Lumumba contra secessionistas internos, levando-o a buscar ajuda soviética (O'MALLEY, 2018; NOBEL, 2021). Após sua queda, Moscou acusou a ONU de conivência com o Ocidente, enquanto Washington utilizava a diplomacia e sua Agência Central de Inteligência, a CIA, para influenciar a sucessão no Congo (KENT, 2010).

A ex-URSS limitou-se ao apoio diplomático a aliados lumumbistas, mas sua atuação foi ineficaz diante do bloqueio logístico e da pressão militar norte-americana, evidenciada, por exemplo, na Operação "Dragon Rouge", em 1964. Ao final da crise, Mobutu consolidou um regime pró-Ocidente e a influência soviética foi expurgada do Congo, evidenciando a necessidade, para Moscou, de ampliar sua capacidade de projeção de poder para atuar eficazmente em futuras crises (NAMIKAS, 2013; WEISS, 2012; RANFT; TILL, 1983).

Apesar da preocupação soviética de os EUA estarem apoiando os rebeldes naquele conflito e o representante do governo local, Patrice Lumumba, ser aliado da ex-URSS, os líderes soviéticos foram informados de que sua Marinha não conseguiria apoiar a contento. Assim, caso fossem enviados navios, estes meios ficariam sem combustível, dada a distância das bases soviéticas, não sendo possível garantir sua permanência naquela parte da África, falhando em uma característica fundamental do Poder Naval.

A partir desses eventos, os programas de reaparelhamento da MURSS sofreram modificações e foram acelerados. O próprio Kruschchev foi obrigado a reconsiderar seu pensamento, pois queria e precisava se contrapor aos EUA e, em especial, à Marinha norte-americana. Logo, um poderoso plano de reconstrução foi iniciado e, a partir da sua implementação, a MURSS poderia apoiar as incursões político-militares da ex-URSS no Terceiro Mundo (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019; RANFT; TILL, 1983).

Podemos verificar que essas duas crises contribuíram para modificar os pensamentos dos líderes soviéticos. Afinal, era humilhante para uma superpotência não conseguir se fazer presente nos oceanos com sua Marinha. Logo, crises que pode-

riam acontecer, naquele período, longe de suas águas costeiras, não teriam o respaldo da Marinha para solucioná-las. Além disso, a própria segurança continental estava em risco com essa discrepância de poderes entre as Marinhas. Os EUA estavam construindo grandes submarinos nucleares de ataque da classe “Polaris”⁶ e podiam chegar facilmente na costa da ex-URSS. Portanto, as ideias de Gorshkov para criar uma “Frota Revolucionária” ganharam apoio. A partir de então, grandes recursos iriam ser destinados para a Marinha, que buscou se tornar uma verdadeira potência naval.

Antes de 1960, a ex-URSS não poderia ainda ser reconhecida como uma grande potência marítima, pois sua economia não conseguia equiparar-se a dos EUA, nem sua Marinha possuía capacidade expedicionária para respaldar seu poderoso poder terrestre. Contudo, ainda na década de 1960, a ex-URSS descobriu vastos campos de gás natural e de petróleo, no noroeste da Sibéria. Essa descoberta contribuiu para que grandes recursos financeiros entrassem no país, permitindo que a economia se revigorasse. Além disso, o petróleo e o gás natural precisavam ser escoados por mais navios⁷ — inclusive, algumas das novas belonaves eram movidas a gás. Logo, a construção desses meios de transporte contribuiria para que a ex-URSS aumentasse o tamanho da sua marinha mercante. Contudo, esse crescimento demonstraria a mesma fragilidade na segurança das LCM que no Ocidente e, para protegê-las, seria necessária uma marinha capaz de operar nos oceanos. Dessa maneira, os novos recursos financeiros disponíveis seriam alocados também para as forças armadas, especialmente, para a MURSS (KAPLAN; SERRA, 2013; TILL, 1984).

Também no início dos anos de 1960, outros importantes fatores impulsionaram o

crescimento da marinha mercante⁸ soviética: a pesquisa, em águas profundas, de recursos naturais, na sua plataforma continental, como petróleo, gás e nódulos de ferro e manganês; e a construção de uma grande frota de navios de pesquisas oceanográficas e de meios de exploração, visando descobrir e explorar os recursos citados, como também explorar a pesca — o que ocasionou um grande desenvolvimento na indústria pesqueira soviética (RANFT; TILL, 1983). Ademais, a MURSS estava sob a orientação competente e ousada do Almirante Gorshkov, que buscou a todo momento dotar a ex-URSS de uma marinha bem equipada, capaz inclusive de cercear as operações da Marinha dos EUA. Em paralelo, a ex-URSS, no final dos anos 1960, já havia construído uma grande marinha mercante, possuía um excelente estudo oceanográfico, bem como estava equipada com uma indústria naval de primeira ordem (TILL, 2018).

A ideia de possuir uma esquadra revolucionária foi o que sempre motivou Gorshkov e, a partir dos eventos supracitados, ocorridos no início da década de 1960, ele passaria a ter o apoio político necessário e os recursos requeridos para possuí-la. As crises, nas quais a MURSS não conseguiu atuar, foram grandes motivadores para o apoio político. Ademais, Gorshkov era um entusiasta dos mísseis e buscava dotar a Marinha com grandes belonaves, equipadas com os mais modernos possíveis, porém, sua força principal ainda seriam os submarinos. Ele também buscava possuir diferentes classes de navios para que os erros do passado não voltassem a ocorrer e para que a MURSS estivesse pronta para atuar em crises futuras, além das suas águas costeiras. Portanto, nesse item, conheceremos os principais meios lançados e suas características inovadoras, na década de 1960. Devido à grande

variedade de navios e projetos, analisaremos somente os *destroyers*, os cruzadores, os navios-aeródromo (NAe) e os SNLMB, lançados nesse período.

No início da década de 1960, visando enfrentar prontamente os grupos de ataque de NAe norte-americanos, alguns *destroyers*, ainda nos estaleiros, da classe “Kildin”⁹ foram equipados com mísseis de médio alcance que podiam usar ogivas nucleares, os SS-N-1 *Scrubber*.¹⁰ Esses novos navios fugiam do padrão ortodoxo, derivado da Segunda Guerra Mundial (então equipados com canhões como armas principais), sendo modificados sob a influência da nova estratégia naval soviética, o que surpreendeu os países ocidentais, devido às suas capacidades estratégicas. Em uma segunda fase, ainda no campo dos *destroyers*, foram modificados meios da classe “Kotlins”,¹¹ os quais possuíam mísseis antiaéreos e foram idealizados para, apoiados por submarinos e aviões baseados em terra, protegerem os *destroyers* da classe “Kildin” e os futuros navios da classe “Krupny”,¹² enquanto essas duas últimas classes atacariam os grupos de NAe (RANFT; TILL, 1983).

Finalizando a década, na terceira fase, foram lançadas as classes “Krupnys” e “Kashin”.¹³ A primeira, a qual os soviéticos classificaram como classe de Grandes Navios Antissubmarino, era equipada também com o míssil SS-N-1 *Scrubber*, possuía forte armamento antissubmarino e com capacidade antiaérea, porém, no Ocidente, era conhecida como classe “Kanin”. Em paralelo, os navios da classe “Kashin”, também foram classificados como Grandes Navios Antissubmarino e possuíam pesados armamentos antiaéreos. Eram também os maiores navios movidos com turbina a gás até então.

Com relação aos cruzadores, o primeiro a ser lançado, na década de 1960, foi

o Kynda, em 1962, com 4.500 toneladas e equipado com mísseis SS-N-3 *Shaddock*. Esses mísseis eram armados com ogivas nucleares ou explosivos convencionais, com 150 milhas náuticas (MN) de alcance e desenvolvido para também atacar os NAe da OTAN. Em 1967, foi lançado a classe “Kresta I” de cruzadores, também com a função antinavio, com poderosa proteção antiaérea e helicóptero orgânico para ser guia de mísseis. Tais capacidades permitiam que os cruzadores dessa classe pudessem operar de maneira independente. Contudo, somente em 1970, com o lançamento da classe “Kresta II”,¹⁴ a MURSS passou a ter meios com um papel importante na guerra antissubmarino, pois essa classe veio dotada com armas antissubmarino de longo alcance, como o míssil SS-N-14, que possuía um torpedo no seu interior (RANFT; TILL, 1983).

Com relação aos NAe, inicialmente eles foram vistos com ceticismo pela MURSS, ainda pelo pensamento de que as guerras seriam somente nucleares e de que esse tipo de navio seria dispendioso e vulnerável. Além disso, a ex-URSS preferiu confiar na sua capacidade tecnológica em desenvolver mísseis antiaéreos para a defesa contra aeronaves. Esse ceticismo demorou a ceder, porém, aos poucos, os soviéticos foram percebendo que suas maiores ameaças navais eram, de fato, os grupos de ataques de NAe norte-americanos, ou seja, eles não seriam tão vulneráveis quanto se pensava. A mudança de pensamento também veio no início dos anos de 1960, com uma série de estudos relacionados aos NAe, como, por exemplo, um trabalho chamado *Avianostsy* (porta-aviões em russo), em 1964. Este trabalho relatava que, apesar das vulnerabilidades, o NAe ainda era uma séria ameaça (RANFT; TILL, 1983).

Contribuindo para o novo pensamento,

os soviéticos perceberam que a necessidade de se ter helicópteros a bordo, conforme visto no cruzador classe “Kresta I”, era outro forte indício de que a MURSS necessitava de NAe. Por isso, em 1967, foi lançado o cruzador Antissubmarino classe “Moskva”,¹⁵ que, apesar do nome, era um navio híbrido, com a proa sendo de um cruzador e a popa de um NAe. Com a experiência do “Moskva”, foi decidida a criação da classe “Kiev”¹⁶ de NAe, em 1968. Estes também eram híbridos e seriam mais poderosos e pesados do que os classe “Moskva”. Os navios dessa classe eram claramente capazes de serem capitânicas de uma marinha de águas oceânicas. Apesar disso, era sabido que não estariam em pé de igualdade com os NAe dos EUA, possuindo também limitadas capacidades de atacar alvos em terra. Ademais, os soviéticos, curiosamente, o denominaram também como um cruzador antissubmarino (RANFT; TILL, 1983).

Finalmente, com relação aos submarinos, em uma primeira fase, pós-Segunda Guerra Mundial, foram aperfeiçoados os projetos de submarinos diesel-elétricos, visando dotá-los de capacidades para fazerem frente aos meios antissubmarino da OTAN. Após essa fase, a MURSS percebeu que os SNLMB seriam a opção de construção mais rápida e adequada, quando comparados aos grandes navios de guerra, para se contraporem à Marinha dos EUA. Por isso, passaram a ser a principal arma de ataque da Marinha (GORSHKOV, 1976). Assim, em 1960, a ideia de Gorshkov era desenvolver a MURSS baseada naqueles submarinos, além de outros tipos, como os lançadores de mísseis de cruzeiros e os de ataque com torpedos. Essa deveria ser a espinha dorsal da sua marinha.

Outro ponto que preocupava os soviéticos era que a ex-URSS encontrava-se atrás dos norte-americanos em tecnolo-

gia e capacidades desses meios, pois os EUA lideravam essa disputa com seus submarinos classe “Polaris”. Por isso, em 1967, foi lançada a classe “Yankee” de submarinos para ameaçar o território norte-americano. Ela contava com o primeiro submarino lançador de mísseis balísticos soviético, assim considerado por ter sido projetado originalmente para esse fim e por suas excepcionais capacidades: podia levar 16 mísseis SS-N-6 (nucleares) com alcance de 1.300 MN. Contudo, em teoria, ainda era inferior à classe “Polaris”, o que levou os soviéticos a planejarem, ainda nessa década, a classe “Delta”, que seria maior e superaria em alcance de mísseis o maior submarino norte-americano existente. Essa classe seria dotada de 12 mísseis SS-N-8, nucleares, podendo alcançar alvos nos EUA sem sair das águas costeiras russas, tomando assim a dianteira na disputa pelo desenvolvimento de submarinos daquele tipo (RANFT; TILL, 1983).

Podemos observar que a ex-URSS buscou equipar sua Marinha com meios modernos para enfrentar a OTAN, além de dotá-la com capacidades para atuar em crises ou conflitos, além das suas águas costeiras. É evidente que nessa busca por superar o Ocidente, a ex-URSS ainda estava atrás em algumas áreas, como a dos NAe, porém, com relação aos SNLMB, ela já havia passado à frente dos EUA, no final da década de 1960. Ademais, o rápido desenvolvimento e a construção de meios navais modernos impressionavam o Ocidente, que via o Poder Naval russo crescendo em tamanho e capacidades.

AS MISSÕES ESTRATÉGICAS DA MURSS

Neste item, citaremos os estudos realizados por estrategistas navais ocidentais e soviéticos sobre as Missões Estratégicas

que a MURSS poderia cumprir, na década de 1960. Analisaremos, também seus pontos fracos e fortes no referido período e como ela estava tentando amenizar suas fraquezas para atuar nos oceanos e responder às crises em que o Poder Naval se fizesse necessário. Embora sejam, também, itens longos, julgamos necessário apenas dividi-los em Estratégias Clássicas e Estratégias para Eras Modernas, conforme fizemos no item anterior. Tal divisão facilitará nossa abordagem comparativa entre a teoria e a realidade apresentada do nosso objeto.

Com relação ao Controle de Áreas Marítimas, em que pese a mudança na estratégia da MURSS, visando possuir meios capazes de operar nos oceanos, suas tarefas principais ainda eram a defesa do território soviético dentro das suas águas costeiras contra os grupos-tarefas de NAE do Ocidente, além de prestar apoio ao Exército da ex-URSS nas suas operações. Essas tarefas seguiam a teoria militar leninista da Unicidade de Propósito, ou seja, Marinha, Exército e Força Aérea deveriam possuir a mesma missão. Essa teoria foi uma das responsáveis por a MURSS, na década de 1960, não cogitar a busca pelo controle do mar¹⁷ — visto pelos líderes militares como destoante da missão de apoiar o Exército no continente.

Assim, é possível constatar que, embora com restrições, a MURSS poderia cumprir os propósitos das vertentes de Uso de Área Marítima e, de maneira mais eficaz, de Negação do Uso do Mar, as quais, juntas, compõem o Controle de Área Marítima. A primeira era apoiada pelos grandes meios produzidos como cruzadores e NAE híbridos; a segunda vertente, pelos submarinos, aviões baseados em terra, minas e navios de defesa costeira (RANFT; TILL, 1983; TILL, 1984).

Mesmo assim, ainda havia dúvidas,

por parte dos estrategistas ocidentais, de que a MURSS poderia intervir nos oceanos distantes de sua costa. Alegava-se, principalmente, que os meios produzidos na década de 1960 não sustentariam grandes operações navais, por possuírem armamentos, em algumas embarcações, com um único disparo, sem possibilidade de recarregar, bem como que esses meios seriam para a defesa continental. Contrariando essa crítica, o Marechal Sokolovskiy (1897 – 1968), em 1964, então inspetor-chefe do ministério da defesa russo, escreveu um importante artigo, no jornal *Red Star*,¹⁸ no qual explicava ao público soviético que a aquisição pela Marinha de meios modernos — em especial submarinos, mísseis e armas nucleares — permitiria operações independentes e decisivas nos oceanos. Indo ao encontro da ideia do marechal, Geoffrey Till e Bryan Ranft alegam que não é possível os estrategistas afirmarem que a MURSS era uma marinha costeira, pois eles a estariam avaliando pelo prisma da doutrina ocidental. Além disso, os autores enfatizam que a ex-URSS estava mostrando interesse no desenvolvimento dos NAE, o que também demonstrava essa nova aptidão para águas oceânicas (RANFT; TILL, 1983; SERGEY, 2018; TRITTEN, 1986).

Com relação à Proteção das LCM e do Transporte Militar, durante a década de 1960, Gorshkov, influenciado também pelas operações navais ocorridas na guerra civil russa, deu ênfase para que a Estratégia da MURSS estivesse preparada para, em caso de conflito, proteger suas linhas de comunicação que ficariam vulneráveis a ataques. O Ocidente supriu e manteve por longo tempo forças contrarrevolucionárias pelo mar por meio de linhas de transporte. Tal fato atraiu a atenção de Gorshkov. Além disso, deveria também ter como prioridade apoiar o exército soviéti-

co, logisticamente, em diferentes teatros de operação, para que este não dependesse somente de rodovias e linhas férreas, que poderiam ser longas e sofrer ataques de seus inimigos. No caso de um conflito na Europa, a MURSS deveria estar presente e apta a realizar essas missões no Báltico, Mar Negro e Mar do Norte, onde protegeria e garantiria as LCM. Porém, no caso de um conflito no extremo oriente, tendo a China ou EUA como prováveis adversários, as linhas e os transportes militares deveriam ser protegidos no Mar do Sul da China (RANFT; TILL, 1983).

Com relação à Projeção de Poder sobre Terra, podemos constatar que a construção de meios navais com capacidades de lançar armas nucleares e mísseis de alto explosivo possibilitava a MURSS a cumprir essa missão de maneira eficaz. Contudo, a grande demonstração de mudança de estratégia para esse tipo de missão foi o desenvolvimento em curso, nessa década, para dotá-la de capacidades para realizar operações anfíbias. Com essa mudança de estratégia, em 1964, ocorre um marco na MURSS: a reativação do seu Corpo de Fuzileiros Navais. Esse pensamento na Marinha foi muito influenciado pelas capacidades norte-americanas nessas operações, por isso, a MURSS não se preocuparia somente em se defender das operações anfíbias do Ocidente, mas também buscava ter essas mesmas capacidades ainda na década de 1960 (RANFT; TILL, 1983).

A partir também das construções de meios voltados para essas operações e visando consolidar uma nova teoria, vários exercícios anfíbios foram organizados na referida década. Dentre os principais exercícios, podemos citar os *Baikal I e II*, em 1966 e 1967; o *Serve*, em 1968 e o *Oder-Neisse*, em 1969. Ademais, Gorshkov percebeu que poderia tirar proveito para a MURSS,

aumentando sua capacidade de Projetar Poder sobre Terra, porque haveria o respaldo de estar apoiando a estratégia do Exército. A lógica era que a Marinha poderia proteger o flanco marítimo do exército, reforçá-lo em posições enfraquecidas com reforços e suprimentos, atacar o inimigo em outra frente ou retirá-lo de uma posição desvantajosa com uma retirada anfíbia (RANFT; TILL, 1983; TRITTEN, 1986).

Com relação à Proteção dos Recursos Marítimos, podemos constatar que com o crescimento da marinha mercante soviética, incluída a sua frota pesqueira (que era uma das maiores e mais desenvolvidas do mundo durante a década de 1960), Gorshkov já verificava o incremento de proteção desses meios. Além disso, a própria estratégia de proteção das águas continentais pela MURSS contra as marinhas dos Estados da OTAN transformou as águas ao redor da ex-URSS em locais bem vigiados e protegidos. Visando ainda a proteção desse mar, na mesma década, a MURSS possuía uma Força de Defesa Marítima composta por uma flotilha de cerca de 1.200 navios para defesa costeira, que normalmente atingiam 30 nós de velocidade, com pouco armamento e uma robustez razoável. Apesar de pouco armadas, possuíam armas eficazes, como o míssil antinavio SS-N-2 Styx¹⁹ (RANFT; TILL, 1983).

Embora estivesse preocupada em fazer frente aos EUA, a MURSS investiu, conforme o conceito de Lars Wedin, em uma solução *High-Low Mix*, ou seja: o *High* compreendendo navios grandes, caros e poderosos para a guerra em águas oceânicas; o *Low* compreendendo uma grande quantidade de navios mais simples e com certa robustez. Esses navios, porém, possuíam as capacidades de vigilância, de comunicações e de comando e eram dotados com armamentos menos

complexos, sendo, portanto, ideais para a Proteção dos Recursos Marítimos e de águas costeiras (WEDIN, 2015).

Com relação à Diplomacia Naval, a MURSS tinha a importante tarefa de defender ou estender os interesses da ex-URSS ao redor do mundo, principalmente em tempos de paz, porém, os líderes soviéticos verificaram, no final da década de 1950, que havia severas limitações para cumprir tal tarefa. Isso também mudou, na década de 1960, devido às crises desse período, nas quais a ex-URSS demonstrou a inferioridade do seu Poder Naval em relação ao Ocidente. Dessa forma, com a renovação de sua esquadra, a nova estratégia não somente determinaria a MURSS estar efetivamente preparada para atuar em crises ou em conflitos, mas também deveria demonstrar seu poder e disposição para proteger seus interesses e de seus aliados. A tarefa que a diplomacia naval soviética cumpriria na paz deveria ser tão importante quanto na guerra, pois onde quer que os Estados da OTAN estivessem com seus navios, a MURSS deveria estar presente, apoiando aliados e impedindo ações agressivas das esquadras ocidentais, o que era um costume até então. Por consequência, a MURSS deveria realizar diversas tarefas políticas, indo desde visitas de cortesia a estar de prontidão para travar guerras limitadas (RANFT; TILL, 1983).

Seguindo essa nova diplomacia, em 1964, uma forte e contínua presença de navios de guerra soviéticos foi posicionada no Mar Mediterrâneo, sendo também iniciado um programa de visitas aos Estados dessa região. Nesse novo ímpeto, em 1966, demonstrando as suas capacidades, um contingente de submarinos nucleares soviéticos realizou uma viagem de circum-navegação.²⁰ Após adquirir essas experiências e ter suas forças re-

novadas, em 1967, durante a guerra árabe-israelense (a Guerra dos Seis Dias), a ex-URSS, demonstrando uma impressionante capacidade de deslocar meios para responder a esta crise, enviou um contínuo fluxo de navios para o Mediterrâneo, chegando a ter, nesse período, 70 navios de guerra, submarinos e de apoio logístico (EUA, 1991).

Portanto, a ex-URSS foi se transformando, lentamente, no decorrer da década de 1960, de uma potência regional para uma verdadeira superpotência global, demonstrando forte propensão para se envolver em problemas políticos em outros continentes, onde fosse necessário, graças à sua nova marinha.

Por último, com relação à Dissuasão Estratégica, segundo Gorshkov, os SNLMB deveriam ser a espinha dorsal ofensiva da MURSS. Os outros meios, embora deveriam estar aptos para enfrentar as marinhas da OTAN e proteger o país, deveriam também apoiar os submarinos para que cumprissem sua missão. Esses meios poderiam mudar o curso de uma guerra e deveriam estar espalhados estrategicamente em portos ou em missões no mar, desestimulando qualquer país de enfrentar a ex-URSS militarmente. Para cumprir essa tarefa, o programa de desenvolvimento de submarinos lançadores de mísseis balísticos teve que sofrer grandes transformações, pois, no início da década de 1960, conforme comentado anteriormente, os submarinos da classe "Hotel" apresentavam falhas nos reatores e motores, colocando a ex-URSS atrás dos EUA quanto ao emprego desses meios (GORSHKOV, 1976; RANFT; TILL, 1983).

Essa importância dada aos SNLMB, como arma principal e dissuasória, pode ser verificada pelo fato de mais de 40% do esforço de construção naval, a partir de 1966, ser direcionado para a constru-

ção de submarinos lançadores de mísseis balísticos. Contudo, é importante entendermos algumas diferenças entre os conceitos de Dissuasão Estratégica entre a OTAN e a ex-URSS. Para a OTAN, significa deixar claro para o inimigo os grandes custos que superariam qualquer benefício de uma agressão; para os estrategistas soviéticos, a melhor dissuasão é o reconhecimento pelo inimigo da capacidade de fazer a guerra e a certeza de que a ex-URSS venceria o conflito. Devemos ressaltar que essa dissuasão soviética não teria falhado se houvesse uma guerra, mas sim se a ex-URSS não saísse vencedora (RANFT; TILL, 1983).

Para garantir essa vitória, a ex-URSS passou a realizar grandes esforços na criação de armamentos e políticas para garantir que seus danos seriam menores do que os do inimigo; não somente na área militar, mas também nas áreas econômica, social e estratégica. Com isso, a ex-URSS também buscou o desenvolvimento de meios antissubmarino para atacar os SNLMB da OTAN, bem como dotou seus submarinos de sistemas cada vez mais poderosos para causar danos irreparáveis aos membros da OTAN. Portanto, na visão da ex-URSS, em uma guerra geral, os SNLMB deveriam ser mantidos como uma reserva estratégica capaz de devastar o inimigo nos estágios finais do conflito, bem como funcionar como uma reserva para apoiá-la nas negociações de paz sobre a conclusão da guerra, garantindo assim uma verdadeira vitória político-estratégica (RANFT; TILL, 1983).

O reaparelhamento da MURSS em sinergia com as novas concepções das missões estratégicas e ela atribuídas contribuíram para que a década de 1960 fosse um ponto de virada na capacidade da ex-URSS atuar nas crises internacionais. Os erros do início da década, como a Cri-

se dos Mísseis de Cuba e o confronto no Congo, não poderiam mais ocorrer, pois o prestígio de uma superpotência estaria em jogo. Logo, os estrategistas navais da ex-URSS, sob a liderança motivadora de Gorshkov, estudaram mais profundamente as capacidades e fragilidades das marinhas da OTAN e buscaram criar uma solução russa para se contraporem às ameaças, sempre tentando alcançar a liderança nos meios e capacidades. Embora fosse uma tarefa difícil, em virtude do grande poder econômico e tecnológico dos Estados da OTAN, a ex-URSS decidiu investir em um Poder Naval forte para, primeiro, se proteger e, depois, manter esses Estados sob ameaça.

Podemos concluir neste item que, para a MURSS, a década de 1960 teve duas fases. Na primeira, observamos uma marinha que sofreu com cortes orçamentários e de projetos de grandes navios, em virtude da visão errônea da governança soviética sob a liderança de Krushev. Essa fase teve seu ápice durante as desastrosas Manobras de Crise, em Cuba e no Congo, onde o Poder Naval da ex-URSS mostrou-se ineficaz. Na segunda fase, houve uma forte mudança de rumos, liderada por Gorshkov, que, junto de outros líderes e estrategistas, decidiu criar uma Frota Revolucionária, com meios modernos e capazes não só de defenderem suas águas costeiras, mas também de se fazerem presentes nos oceanos.

A descoberta de novas fontes de riquezas, como petróleo e gás, a formação de centros tecnológicos navais e mão de obra qualificada, além do desenvolvimento da marinha mercante, criaram as bases para o Ciclo Virtuoso do Mar, de Geoffrey Till. Esses eventos contribuíram para que houvesse um fluxo maior de recursos para a Marinha. Em consequência, no final da década de 1960, a MURSS passa-

ria a contar com meios navais modernos que poderiam, de forma ainda limitada, enfrentar os meios navais da OTAN, bem como se fazerem presentes em qualquer parte do planeta, atuando em Manobras de Crise eficazmente. Por isso, podemos afirmar que a ex-URSS, no final da década de 1960, poderia sim ser considerada uma grande potência marítima, com um poderoso e moderno Poder Naval.

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960 À LUZ DA TEORIA

Neste item, confrontaremos as teorias de Cláudio Senna e de Geoffrey Till com a construção do Poder Naval da ex-URSS na década de 1960. Assim, verificaremos se a MURSS, naquela década, poderia ser considerada uma marinha moderna, cumprindo as Missões Estratégicas de Geoffrey Till e se estaria apta a respaldar os interesses da ex-URSS por meio das Manobras de Crise.

Para contextualizar as comparações a seguir, apresentamos uma síntese das abordagens teóricas de Geoffrey Till e Cláudio Senna, cujos modelos orientam a análise. Geoffrey Till propõe que uma marinha moderna deve estar preparada para cumprir seis Missões Estratégicas: Controle de Áreas Marítimas, Projeção de Poder sobre Terra, Proteção das LCM e Transporte Militar, Proteção dos Recursos Marítimos, Dissuasão Estratégica e Diplomacia Naval. Essas missões refletem o uso do Poder Naval como instrumento de respaldo político-estratégico do Estado, tanto em tempos de paz quanto em situações de conflito. Segundo o autor, tais capacidades exigem doutrina consolidada, presença global contínua e meios tecnologicamente avançados. Ademais, Till apresenta o conceito de Ciclo Virtuoso do Mar, segundo o qual o fortalecimento

do Poder Marítimo contribui para o desenvolvimento econômico e, simultaneamente, é fortalecido por ele (TILL, 1984; TILL, 2018).

Cláudio Senna, por sua vez, destaca que a atuação eficaz diante de uma crise exige preparo prévio, com planos de resposta estruturados, análise crítica de cenários e prontidão para alocação de meios estratégicos. Para o autor, Manobras de Crise envolvem ambientes complexos e imprevisíveis, nos quais a capacidade de resposta institucional deve ser orientada por mapas críticos que favoreçam decisões rápidas e coerentes com os objetivos políticos. No âmbito naval, essa lógica pressupõe o emprego de forças preparadas para atuar em demonstrações de presença, dissuasão e projeção, mesmo sem escalada imediata para o conflito armado (SENNA, 2017).

Ao nos debruçarmos sobre o estudo, constatamos que, no início de 1960, a MURSS ainda sofria com os cortes orçamentários e de projetos realizados por Krushev. Esses cortes reduziram sua capacidade operacional e demonstraram a fragilidade da ex-URSS em antever crises, conforme constatado nas crises de Cuba (1962) e do Congo (1960 a 1965). Assim, o preparo da MURSS para a Manobra de Crise teve pouca aderência ao que fala Cláudio Senna sobre estar preparado para crises, principalmente as que não se podem prever. Verificamos que isso ocorreu pela falta de Planos de Resposta adequados e de meios navais para atendê-los.

Contudo, quando analisamos o final de década de 1960, podemos constatar uma mudança por parte dos dirigentes da ex-URSS, que, envergonhados pelos erros nas conduções de crises do passado, passaram a preparar o Poder Naval por meio da construção de poderosos meios navais, com a MURSS passando a estar

presente em crises em diversas partes do planeta. Logo, podemos afirmar que, no final da década de 1960, o preparo da MURSS teve grande aderência aos conceitos de Cláudio Senna. Constatamos tal afirmação ao observarmos que muitos meios navais soviéticos passaram a estar alocados no Mar Mediterrâneo para fazer frente às marinhas da OTAN e atuar em futuras crises na região. De maneira geral, com a evolução tecnológica e das capacidades dos novos meios construídos, além de uma nova doutrina, a MURSS estaria preparada para respaldar os Planos de Resposta da ex-URSS.

Na sequência, compararemos as Missões Estratégicas que a MURSS podia cumprir, na década de 1960, com as missões fundamentais, propugnadas por Geoffrey Till, que uma marinha moderna deve cumprir. Tal comparação é importante, porque, nessa teoria, quando uma marinha está apta a cumprir as missões de Geoffrey Till, ela estará apta a respaldar seu Estado em um conflito armado e em crises. Consideramos também ser importante analisarmos somente o período compreendido do final da Crise dos Mísseis em Cuba de 1962 até o final da década de 1960, pois, nessa fase, ficam claras as grandes transformações pelas quais a ex-URSS e, em especial, a MURSS passaram, conforme citadas anteriormente no texto. Ademais, dividiremos este item pelas Missões Estratégicas de Geoffrey Till para verificarmos se a construção do Poder Naval soviético, no período, tinha aderência ao modelo teórico do autor.

Contudo, antes de abordar as Missões Estratégicas, devemos explicar que, ao descobrir grandes jazidas de petróleo e gás na Sibéria e necessitar construir uma marinha mercante ainda maior para comercializá-los, a ex-URSS passou a contar com recursos advindos do comércio exte-

rior que contribuíram para a construção, tanto em quantidade como em qualidade, de meios navais para a MURSS. Essa combinação de fatores nos mostrou na prática o que Geoffrey Till chama de Ciclo Virtuoso do Mar. Assim, após explicarmos as origens dos recursos para a Marinha, compararemos as capacidades da MURSS em cumprir suas Missões Estratégicas com as preconizadas por Geoffrey Till.

Com relação ao Controle de Área Marítima, observamos que os meios da MURSS foram construídos para enfrentar os grupos de NAE norte-americanos e para a defesa da costa. Como exemplo, podemos citar o NAE híbrido classe “Kiev” que, com seus armamentos e aeronaves embarcadas, poderia controlar áreas e atacar os navios da OTAN, mesmo que de maneira limitada. Na vertente de Negação do Uso do Mar, a MURSS cumpria essas tarefas com maestria, graças aos seus submarinos, conforme constatamos no decorrer do texto.

Com relação à Defesa das LCM, a MURSS passou a contar com grandes meios navais, distribuídos no Mediterrâneo e que passaram a ter presença no Mar do Sul da China e no oceano Índico. Entre esses meios, encontravam-se os *destroyers*, os cruzadores classe “Kresta II” e seus submarinos que poderiam realizar essas tarefas. A ex-URSS passou a se preocupar com esse tema devido ao grande crescimento da sua marinha mercante, o que também influenciou o aumento das capacidades antissubmarino dos seus navios.

Com relação à Projeção de Poder sobre Terra da MURSS, podemos citar, como grande marco dessa Missão Estratégica, a reativação do Corpo de Fuzileiros Navais em 1964. Além disso, as novas capacidades dos seus meios navais, particularmente os SNLMB, de bombardearem com mísseis de cruzeiro ou nucleares o

território inimigo, demonstraram o comprometimento da Ex-URSS em cumprir essa Missão Estratégica. Com relação à Proteção dos Recursos Marítimos, da nação construiu muitos navios para a defesa da costa, que, de início, seriam para proteção contra esquadras inimigas. Contudo, quando o país comunista passou a descobrir e explorar recursos nos seus mares e plataformas continentais, passaram também a cumprir essa missão. Com meios velozes, como as corvetas da classe “Nanuchka”,²¹ a MURSS passou a impressionar o Ocidente com relação às capacidades desses tipos de navios.

Com relação à Diplomacia Naval, a ex-URSS decidiu que a Marinha deveria representar seus interesses políticos. A MURSS, a partir de então, estaria pronta para demonstrar o poder e a vontade de lutar do Estado soviético. Podemos comprovar essa afirmação com as visitas a Estados amigos e o apoio aos árabes na Guerra dos Seis Dias, em 1967, visando impedir ações da OTAN no conflito e suprir os árabes logisticamente, demonstrando um amadurecimento na Diplomacia Naval.

Quanto à Dissuasão Estratégica, a ex-URSS destinou grande parte dos recursos para os submarinos, visando transformar os SNLMB na espinha dorsal de ataque da MURSS. Esses meios permitiram que a Marinha alcançasse a verdadeira dissuasão, na visão de Geoffrey Till. Os submarinos lançadores de mísseis balísticos passaram a impressionar e preocupar o Ocidente, devido às suas aptidões de destruição e alcance. Contudo, ainda que a ex-URSS tivesse uma visão de dissuasão diferente da do Ocidente, seus SNLMB cumpriam a dissuasão de Geoffrey Till.

Por último, devido ao exposto neste tópico comparativo, podemos concluir, em linhas gerais, que a construção do Poder Naval soviético, na década de 1960, por

conseguir cumprir as características das Missões Estratégicas citadas por Geoffrey Till, na segunda fase da década de 1960, teve aderência ao modelo teórico do referido autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos motivou a escolher o objeto deste trabalho foi a vontade de conhecer o desenvolvimento da Marinha da ex-URSS, além de entender as razões de alguns dos seus triunfos e fracassos, que aprendemos nos bancos escolares. Por consequência, queríamos entender como a ex-URSS construiu seu Poder Naval. Nossa curiosidade nos levou a procurar as respostas sobre quem Estado tão forte militarmente apresentou uma limitada condução de Manobra de Crise durante a famosa Crise dos Mísseis de Cuba (1962), chegando ao ponto de não possuir meios navais com capacidade de operar fora de suas águas costeiras.

Outra motivação para nossa pesquisa foi saber como em um curto prazo, em relação a essa crise, a ex-URSS desenvolveu um Poder Naval de alto nível que podia desafiar toda a OTAN. Assim, decidimos conhecer as razões que transformaram a MURSS em uma das melhores marinhas do mundo e, o principal, quando ocorreu essa transformação.

Com a pesquisa, verificamos que, a década de 1960, foi o período de grande mudança de rumos da ex-URSS e, consequentemente, para a MURSS, que precisou se fazer presente em duas grandes crises. Ademais, nessa década, iniciou-se um inovador programa de reaparelhamento da Marinha e de renovação de sua doutrina naval.

Após escolhermos o período, faltava-nos escolher um teórico moderno que definisse conceitos importantes, além de

nortear as Missões Estratégicas que uma marinha deveria cumprir para respaldar os interesses de um Estado. Por isso, não tivemos dúvidas que a melhor escolha seria o pensador Geoffrey Till. Secundariamente, escolhemos Cláudio Senna para a Manobra de crise e utilizamos a DMN para complementá-lo. Com isso, a partir desses conceitos teóricos, seria possível realizar uma comparação com a realidade apresentada pela MURSS, na década de 1960, e responder se a ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno e se ele seria capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas na década de 1960.

Em outro momento do texto, apontamos que a nomeação de Gorshkov como Comandante em Chefe da MURSS foi fundamental para sua transformação para operar em águas oceânicas, embora tenha sofrido forte pressão política para reduzir seu tamanho e seus meios. Após isso, verificamos como essa redução foi crucial para que a ex-URSS fracassasse nas conduções das duas principais crises da década de 1960 (Cuba e Congo). Contudo, esses fracassos influenciaram o novo reaparelhamento da MURSS. Em nossa análise, constatamos, também, que a MURSS foi equipada e pensada por Gorshkov para poder enfrentar as marinhas da OTAN e atuar eficazmente nas futuras Manobras de Crise em águas oceânicas. Esse reaparelhamento foi igualmente possível, além do impulso gerado pelas crises mencionadas, pelo aporte financeiro promovido pelo crescente comércio externo da década de 1960, em função da grande marinha mercante soviética e da descoberta de recursos energéticos na Sibéria, que incrementaram ainda mais esse comércio e geraram vultuosos recursos financeiros para a ex-URSS. Assim, percebemos na prática que o Estado soviético passou pelo Ciclo Virtuoso do Mar,

contribuindo para o reaparelhamento da MURSS, além de criar uma certa “supremacia marítima” nas suas águas de interesse, podendo rivalizar com a poderosa Marinha norte-americana.

Nossa escolha metodológica foi a de confrontação de teoria com a realidade. Assim, confrontamos as teorias escolhidas com a construção do Poder Naval soviético na década de 1960. Dessa forma, era o nosso propósito responder se a construção desse poder teve aderência aos modelos teóricos apresentados, principalmente ao de Geoffrey Till, comparando as teorias com a construção desse poder. Após realizar a comparação, verificamos que a ex-URSS passou a se planejar para enfrentar novas crises, por meio da revisão dos seus erros estratégicos recentes, construindo um Poder Naval moderno para respaldar seus interesses tanto nas suas águas costeiras como além delas. Para a construção desse poder, a ex-URSS decidiu criar um programa de reaparelhamento moderno de meios navais, que foi incrementado devido ao Ciclo Virtuoso do Mar soviético. Esse ciclo criou uma “supremacia marítima” relativa, que permitiu o cumprimento das Missões Estratégicas de Geoffrey Till pela MURSS.

Dessa forma, no final do texto, chegamos à conclusão de que a construção do Poder Naval da ex-URSS, na década de 1960, teve aderência tanto ao modelo teórico de Geoffrey Till, quanto ao de Cláudio Senna. Concluindo nossa análise, podemos afirmar que um Estado deve antever as possíveis crises com as quais poderá ser obrigado a lidar, criando, para essas crises e para as que ele não poderá prever, Planos de Respostas que deverão ser elaborados com o máximo de detalhamento possível. Assim, o Poder Naval não poderá ser negligenciado, para que não ocorram os erros da ex-URSS do início da década de 1960.

Portanto, respondendo ao nosso questionamento, a ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno e esse poder era capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas no final da década de 1960. Porém, diferente dos EUA, apesar de estar bem equipada com grandes navios e submarinos para águas oceânicas, seu pensamento estratégico ainda era continental, pois focou-se mais nas guerras em mares estreitos e locais do que nos

oceanos. Afinal, os líderes soviéticos não acreditavam que o pensamento estratégico ocidental era o único caminho para o sucesso. Portanto, nossa pesquisa demonstrou a importância de uma marinha estar preparada para cumprir as Missões Estratégicas de Geoffrey Till, pois, estando preparada para atuar em conflitos armados, também estará apta a conduzir Manobras de Crise.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-301: Fundamentos Doutrinários da Marinha*. 1d. Brasília: Estado-Maior da Armada (EMA), 2023.

BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: Doutrina Militar Naval*. 1ed. Brasília: Estado-Maior da Armada (EMA), 2023.

EUA. Departamento de Estado. *Foreign Relations of the United States, 1958 – 1960, Africa*, Volume XIV. Washington. DC: U.S. Government Publishing Office. 1992.

EUA. Departamento de Estado. Office of the Chief of Naval Operations. *Understanding Soviet Naval Developments*. 6th ed. Washington, DC: Department of the Navy, 1991.

FAHRON-HUSSEY, Claudia. *Military crisis management operations by NATO and the EU: the decision-making process*. Wiesbaden: Springer, 2019.

GIBBS, David N. *The Political Economy of Third World intervention: Mines, Money, and U.S. policy in the Congo Crisis*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

GORSHKOV, S. *Las fuerzas navales: su historia y su presente*. Moscú: Progreso, 1976.

GUZMÁN, Spicker, Edgar. Trascendencia del Gasoducto Transiberiano. *Revista Internacional de Defensa*. Bogotá: Escola Superior de Guerra, 1983, p. 363-369.

HOLMES, James R.; YOSHIHARA, Toshi. *Chinese Naval Strategy in the 21st Century: The Turn to Mahan*. London: Routledge, 2008.

KAPLAN, Robert D.; SERRA, Cristiana de Assis. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KENT, John. *America, the UN and Decolonisation: Cold War conflict in the Congo*. London: Routledge, 2010.

MOORE, John Evelyn; JANE, Fred. T. *Jane's Fighting Ships*, 1974 – 75. New York: Franklin Watts, 1974.

NAMIKAS, Lise. *Battleground Africa: Cold War in the Congo, 1960 – 1965*. Stanford: Stanford University Press, 2013.

NOBEL. The Nobel Peace Prize 1961: Dag Hammarskjöld. Oslo: The Nobel Foundation, 2021. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1961/hammarskjold/biographical/>.

O'MALLEY, Alanna. *The Diplomacy of Decolonization: America, Britain and the United Nations during the Congo Crisis 1960 – 1964*. Manchester: Manchester University Press, 2018.

OTAN. *Tratado do Atlântico Norte*. Washington DC, 4 de abril de 1949. Washington, DC, 19 jun. 2017. Disponível em: https://www.nato.int/cps/su/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt. Acesso em: 24 abr. 2022.

POLMAR, Norman. *The Naval Institute Guide to the Soviet Navy*. 5. ed. Annapolis: Naval Institute Press, 1991.

POLMAR, Norman; BROOKS, Thomas A.; FEDOROFF, George E. *Admiral Gorshkov: the man who challenged the U.S. Navy*. Annapolis: Naval Institute Press, 2019.

RANFT, Bryan; TILL, Geoffrey. *The sea in Soviet Strategy*. London: Macmillan Press, 1983.

SENNA, Cláudio J. D. *Gerenciamento de Crises: usando mapas críticos para organizar o que é complexo e caótico*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

SERGEY, Yuferev. Vasily Sokolovsky: comandante da vitória. *Military Review*, Russia, 10 maio 2018. Disponível em: <https://pt.topwar.ru/141244-vasiliy-sokolovskiy-polkovodec-pobedy.html>. Acesso em: 10 maio 2022.

TILL, Geoffrey. *Maritime strategy and the nuclear age*. 2nd. ed. New York: St. Martin's Press, 1984.

TILL, Geoffrey. *Seapower: a guide for the twenty-first century*. 4th ed. London. New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2018.

TRITTEN, James J. *Soviet Naval Forces and Nuclear Warfare: Weapons, Employment, and Policy*. 1. ed. Londres: Routledge, 1986.

WEDIN, Lars. *Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do Almirante Castex*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015.

WEISS, Herbert F. *War and peace in the Democratic Republic of the Congo*. In: CLAPHAM, Christopher (org.). *African Guerrillas*. Oxford: James Currey Publishers, 2012.

NOTAS

¹ Este artigo é uma adaptação da dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval (EGN) pelo capitão de fragata (fuzileiro naval) Vítor Corrêa da Silva, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS), em trabalho orientado pelo capitão de mar e guerra (RM1) Emilio Reis Coelho.

² As classificações “marinha de águas azuis”, “verdes” e “marrons” referem-se ao raio de ação e à capacidade operacional de uma força naval. Uma marinha de águas marrons (*brown-water navy*) opera restritamente em águas interiores e costeiras, com foco em patrulhas fluviais e defesa litorânea. A marinha de águas verdes (*green-water navy*) atua em mares regionais ou restritos, com alguma projeção além do litoral, mas ainda limitada por logística e cobertura aérea. Já uma marinha de águas azuis (*blue-water navy*) possui capacidade expedicionária global, sendo apta a operar de forma sustentada em oceanos distantes, com grupos-tarefa compostos por grandes navios de superfície, submarinos e apoio logístico. Essa tipologia não é rígida, podendo variar conforme o contexto estratégico e doutrinário de cada país (TILL, 2018; HOLMES; YOSHIHARA, 2008).

³ Para Krushev, os grandes navios representavam a megalomania de Stalin (RANFT; TILL, 1983).

⁴ Eram os submarinos nucleares padrão da ex-URSS. Foram designados classe “Hotel” pela OTAN; na ex-URSS eram denominados como Projeto 658.

⁵ Gorshkov foi informado que os submarinos classe “Hotel” estavam com problemas nos reatores e motores, logo, não eram confiáveis para levar as ogivas nucleares, nem escoltar os mercantes. Estariam disponíveis somente poucos submarinos diesel-elétricos (POLMAR, 1991; POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

⁶ A classe “Polaris” refere-se aos submarinos da classe “George Washington”, desenvolvidos pelos EUA no final da década de 1950 como os primeiros submarinos lançadores de mísseis balísticos (SLBM). Cada unidade deslocava cerca de 6.700 toneladas em imersão, tinha autonomia nuclear para meses de operação e levava cerca de 16 mísseis Polaris A-1, com alcance de aproximadamente 2.200 km. Sua tripulação era composta por cerca de 120 militares, operando em regime de turnos rotativos (azul e dourado), o que assegurava patrulhas ininterruptas durante a Guerra Fria (MOORE; JANE, 1974).

⁷ Durante a década de 1960 e anos subsequentes, o escoamento do gás natural na ex-URSS (especialmente o proveniente da Sibéria) ocorria prioritariamente por meio de gasodutos, não havendo um sistema de transporte marítimo de Gás Natural Liquefeito (GNL) estabelecido. Isso se devia, entre outras razões, à ausência de infraestrutura de liquefação de gás no país naquela época, o que tornava os oleodutos e gasodutos a única opção viável para transportar o gás, desde os campos siberianos até os mercados consumidores (GUZMÁN, 1983).

⁸ Os elementos que constituem o Poder Marítimo são os componentes das expressões

do Poder Nacional relacionados com a capacidade de utilização do mar e das águas interiores. Os seguintes elementos constituem o Poder Marítimo: a) o Poder Naval; b) a Marinha Mercante, as facilidades, os serviços e as organizações relacionados com os transportes aquaviários (marítimo e fluvial); c) a infraestrutura marítima e hidroviária: portos, terminais, eclusas, meios e instalações de apoio e de controle, dentre outros; d) a indústria naval: estaleiros de construção e de reparos; e) a indústria de defesa de interesse naval; f) a indústria de pesca: embarcações, terminais e indústrias de processamento de pescado; g) as organizações e os meios de pesquisa e de desenvolvimento científico, tecnológico e inovação de interesse para o uso do mar, das águas interiores e de seus recursos; h) as organizações e os meios de exploração ou de aproveitamento dos recursos do mar, de seu leito e de seu subsolo; e i) o pessoal que desempenha atividades relacionadas com o mar ou com as águas interiores e os estabelecimentos destinados à sua capacitação (BRASIL, 2023, item 1.2.2).

⁹ Os *destroyers* da classe “Kildin” foram navios soviéticos desenvolvidos a partir da classe “Kotlin”, com adaptações específicas para o lançamento de mísseis. Deslocavam cerca de 3.300 toneladas em plena carga, com comprimento de 126 metros e tripulação de aproximadamente 284 militares. Foram equipados com um lançador simples para mísseis de cruzeiro SS-N-1 *Scrubber*, capazes de transportar ogiva nuclear. Embora representassem um avanço em armamento guiado, sua capacidade de recarga era limitada, o que restringia sua eficácia em ações prolongadas (RANFT; TILL, 1983).

¹⁰ O SS-N-1 *Scrubber* foi o primeiro míssil de cruzeiro antinavio desenvolvido pela ex-URSS para lançamento a partir de navios de superfície. Baseado no míssil terra-terra P-1 *Strela*, tinha alcance de cerca de 250 km, guiamento inercial e capacidade de transportar ogiva convencional ou nuclear. Por sua envergadura e baixa precisão, era empregado em lançadores únicos, sem capacidade de recarga em mar aberto, o que limitava seu uso tático. Entrou em operação no final dos anos 1950 e foi rapidamente substituído por sistemas mais modernos (MOORE; JANE, 1974; RANFT; TILL, 1983).

¹¹ Os *destroyers* da classe “Kotlin” (Projeto 56) foram desenvolvidos pela União Soviética no início da década de 1950 como sucessores da classe “Skoryy”. Deslocavam cerca de 3.200 toneladas em plena carga, com comprimento de 126 metros e tripulação de aproximadamente 284 militares. Equipados inicialmente com canhões de 130 mm, alguns navios da classe foram posteriormente modificados para operar mísseis superfície-ar SA-N-1 *Goa*, formando a subclasse “Kanin”. Esses *destroyers* tiveram papel importante na transição da MURSS para uma marinha com armamento guiado (RANFT; TILL, 1983; MOORE; JANE, 1974).

¹² A classe “Krupny” (designação soviética para o Projeto 57bis) consistia em grandes *destroyers*, inicialmente concebidos como navios antissubmarino, embora também fossem empregados com capacidade antinavio. Deslocavam aproximadamente 4.200 toneladas em plena carga, com cerca de 144 metros de comprimento e tripulação de cerca de 320 militares. Foram armados com mísseis SS-N-1 *Scrubber*, torpedos antissubmarino,

artilharia naval e sistemas de defesa antiaérea. No Ocidente, os navios dessa classe ficaram conhecidos como classe “Kanin”, sobretudo após sua conversão, nos anos 1970, para funções mais modernas, com novos sensores e sistemas de armas (RANFT; TILL, 1983; MOORE; JANE, 1974).

¹³ Os *destroyers* da classe “Kashin” (Projeto 61) foram os primeiros navios soviéticos de grande porte equipados com propulsão por turbinas a gás e desenhados desde o início para combate antiaéreo. Deslocavam cerca de 4.400 toneladas em plena carga, com comprimento de 144 metros e tripulação de 320 militares. Foram armados com mísseis superfície-ar SA-N-1 Goa, canhões duplos de 76 mm, torpedos e foguetes antissubmarino. Sua combinação de velocidade, sensores avançados e sistemas automáticos de controle de fogo fez da classe “Kashin” um marco na modernização da Marinha soviética nos anos 1960 (RANFT; TILL, 1983; MOORE; JANE, 1974).

¹⁴ Embora seu lançamento tenha sido em 1970, o “Kresta II” foi mencionado, no mesmo contexto, por sua importância estratégica e por seu projeto ter sido desenvolvido, na década de 1960.

¹⁵ Essa classe possuía capacidade para 16 helicópteros antissubmarino, deslocava 18 mil toneladas, além de outras capacidades antissubmarino e de defesa antiaérea (RANFT; TILL, 1983).

¹⁶ Esses navios tinham capacidade de receber 20 helicópteros antissubmarino *Ka-25A Hormone* e 13 aeronaves de pouso e decolagem vertical *Yak 36 Forgers*. A classe “Kiev” também possuía diferentes tipos de mísseis, incluindo o SS-N-12 *Sandbox* superfície-superfície, com alcance de 300 MN, além de poder enfrentar submarinos e outras aeronaves com seus mísseis (RANFT; TILL, 1983).

¹⁷ O Controle de Área Marítima de Interesse visa manter o grau de utilização desejável por um período necessário para proteção de objetivos e interesses nacionais em Área Marítima de interesse, bem como para impedir a projeção de poder de um oponente sobre o território nacional (BRASIL, 2023, item 2.7.1).

¹⁸ Jornal russo muito popular entre os militares e os civis da ex-URSS.

¹⁹ A ex-URSS surpreendeu o Ocidente com sua tecnologia e doutrina de operação de mísseis, quando, em 1967, a Marinha do Egito, usando esse míssil, afundou o *destroyer Eilat*, de Israel (RANFT; TILL, 1983).

²⁰ A viagem de circum-navegação de 1966 foi realizada por dois submarinos nucleares soviéticos do Projeto 675 (classe “Echo II”), armados com mísseis de cruzeiro. A missão teve início em setembro de 1966, partindo da Frota do Norte, no Ártico, e seguiu pelas águas do Atlântico Sul, cruzando o Cabo da Boa Esperança, navegando pelo oceano Índico e alcançando o Pacífico. Após realizar exercícios de presença no Sudeste Asiático, os submarinos retornaram à ex-URSS pelo Estreito de Bering, completando a volta ao mundo. A operação teve como objetivo demonstrar a capacidade de alcance global da MUR-

SS e a prontidão operacional de seus meios estratégicos navais (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

²¹ Lançados no final da década de 1960, possuíam 800 toneladas e eram armados com mísseis antinavio SS-N-2 *Styx* e SS-N-9, com alcance de 150 MN — poderio considerável para navios de águas costeiras (RANFT; TILL, 1983).



